

O diário nas páginas da *Piauí*: uma investigação sobre a construção dos relatos em um veículo jornalístico

The diary on *Piauí's* pages: an investigation about the construction of the reports in a journalistic vehicle

Patrícia Resende Pereira Correio*

RESUMO: O trabalho visa investigar a maneira como os diários são apresentados nas páginas da revista *Piauí*, publicação mensal dedicada ao jornalismo literário. Para tornar a pesquisa possível, selecionamos dois períodos da publicação: seu primeiro ano, que compreende os meses entre outubro de 2006 e 2007, e o quarto, entre 2009 e 2010. A escolha desse *corpus* foi feita porque acreditamos que, assim, torna-se possível apontar possíveis mudanças envolvendo os dois períodos da revista, tendo em vista a reflexão sobre o modo como os relatos são construídos. Após mapear os temas, e a quantidade de publicação que contém a seção "diário", foi observado que, no primeiro ano, os relatos estão concentrados na apresentação da rotina de trabalho de cada um dos autores, em sua maioria anônimos, enquanto o quarto ano dedica-se a apresentar apenas acontecimentos memoráveis nos quais os autores dos relatos se viram envolvidos. Acreditamos que essa modificação na temática dos diários está relacionada a busca da revista por uma maior diversidade de assuntos, com o propósito de chamar a atenção dos leitores.

PALAVRAS-CHAVE: Diário. *Piauí*. Relatos.

ABSTRACT: This study has the purpose to investigate how diaries are presented on the monthly published magazine *Piauí*, dedicated to the literary journalism. Two periods of the publication was selected: their first year, between October of 2006 and the same month of 2007, and their fourth year, between 2009 and 2010. This corpus was chosen because we believe that, on this way, it's possible to see the changes between these two periods of the magazine, trying to figure out, also, how these diaries are written. After mapping the themes and how many editions of the diaries has been published, it was observed that, on the first year, the reports has the purpose to show the work's routine of the authors, mostly anonymous, while the fourth year is dedicated to presenting only memorable events in which the authors of the reports became involved. We believe that this change on the diary's theme is related to the purpose of the magazine to increase the range of subjects in order to draw the attention of readers.

* Mestre em Estudos de Linguagens pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (Cefet-MG).

KEYWORDS: Diary. *Piauí*. Reports.

Introdução

O estudioso Massaud Moisés (2004) considera como diário os textos que possuem relatos sobre eventos ocorridos durante 24 horas. Ele explica que existem duas formas: depoimentos intimistas presentes em jornais, divulgados diariamente ou com um período demarcado, e os elaborados pelos escritores, que permanecem inéditos ou publicados posteriormente. Independente disso, o diário é o espaço para a escrita sobre diversos assuntos, conforme exemplifica Moisés (2004):

Desde episódios políticos até a pura introspecção, passando pelo registro crítico dos cenários e das peripécias que as viagens propiciam, ou pelos embates da vida literária, tudo pode ser objeto de interesse para quem se disponha a relatar as vivências cotidianas no ritmo em que ocorrem (MOISÉS, 2004, p. 121).

Levando essas questões em consideração, observamos que a revista *Piauí*¹ oferece um espaço para que anônimos e alguns escritores conhecidos publiquem seus diários. Sob o título de “diário”, a seção pode apresentar relatos escritos ao longo de um mês ou, até mesmo, anos.

É importante destacar que cada autor do diário assina seu texto, dando a entender, ao leitor, que foi ele mesmo quem escreveu, exatamente como acontece com os diários literários. No entanto, não existe meio de saber se o narrador foi, de fato, o responsável pelo texto ou se encontrou apoio de algum jornalista, que teve a função de *ghost-writer*².

Dessa forma, o propósito deste artigo é investigar a maneira como os relatos dos diários são construídos nas páginas da revista *Piauí*. Como recorte,

¹ Com o slogan “uma revista para quem gosta de ler”, a *Piauí* foi lançada em outubro de 2006 com a proposta de priorizar a construção dos textos, buscando uma abordagem na qual os assuntos são apresentados com mais detalhes, evitando uma apresentação superficial do tema. Criada pelo cineasta João Moreira Salles, a publicação é mensal.

² Essa atividade é explicada, por Moisés (2004), como o profissional que escreve os textos para ser publicado com o nome de outra pessoa e possui forte ligação com o jornalismo.

seleccionamos o primeiro ano, compreendido entre outubro de 2006 e o mesmo mês, de 2007, e o quarto, com as edições de outubro de 2009 até 2010. Os dois períodos foram escolhidos com o intuito de que seja feita uma reflexão sobre os diários, além de apontar possíveis mudanças entre os anos da publicação.

Vale destacar que temos, então, um *corpus* com 24 publicações. Logo no começo da pesquisa, constatamos que não eram todos os números que possuíam a seção “diário”. No primeiro ano, todas as edições contaram com a seção, totalizando doze diários, enquanto esse número caiu para oito no quarto período da *Piauí*.

Percebemos, ainda, uma mudança na temática dos diários, quando confrontamos o primeiro com o quarto ano. O primeiro período se concentra na rotina profissional dos protagonistas da história, visto que, dos doze números, oito se encaixam nessa categoria, enquanto quatro são centrados em relatos de acontecimentos marcantes na vida de cada autor, em situações extraordinárias³ que já chegaram ao fim.

Para comprovar essa afirmativa, citamos os temas dos dozes diários do primeiro ano: o texto de estreia da seção, de outubro de 2006, é sobre Cecília Giannetti, uma jornalista que abandona o Rio de Janeiro para trabalhar como funcionária de uma boate.

As outras narrativas possuem o mesmo enfoque da rotina de trabalho, como o médico residente em cirurgia de dois hospitais federais do Rio de Janeiro; a atriz que divide seu dia em apresentações de musicais e testes para comerciais; o aposentado de 73 anos, que há 50 trabalha como ascensorista do edifício Odeon, no Rio de Janeiro; a escritora que faz trabalhos acadêmicos sob encomenda e revisão de textos; a costureira da fábrica de lingerie Duloren e o balconista de supermercado que tem esperança em estudar medicina.

³ Usamos o termo extraordinário com base no dicionário Houaiss, no qual a palavra é definida como: “que foge do usual ou ao previsto; que não é ordinário; fora do comum; extra” (HOUAISS, 2007). É necessário deixar claro que a palavra, ao ser aplicada a esse tipo de diário, não tem o propósito de classificar o acontecimento como positivo e sim como algo que foge do esperado.

Nesse primeiro ano, percebemos que o número de dezembro de 2006 é o primeiro no qual a norma de se publicar apenas rotinas de trabalho é quebrada. Nele, é apresentado ao leitor o relato do promotor Carlos Sussekind de Mendonça sobre o presídio de Ilha Grande. O texto, intitulado *Memórias da Ilha Grande em tempos de cárcere*, é um fragmento das 30 mil páginas escritas por Sussekind, distribuídas em 80 cadernos. Observamos que sua temática já é informada pelo próprio título, que busca fazer referência ao livro “Memórias do Cárcere”, de Graciliano Ramos.

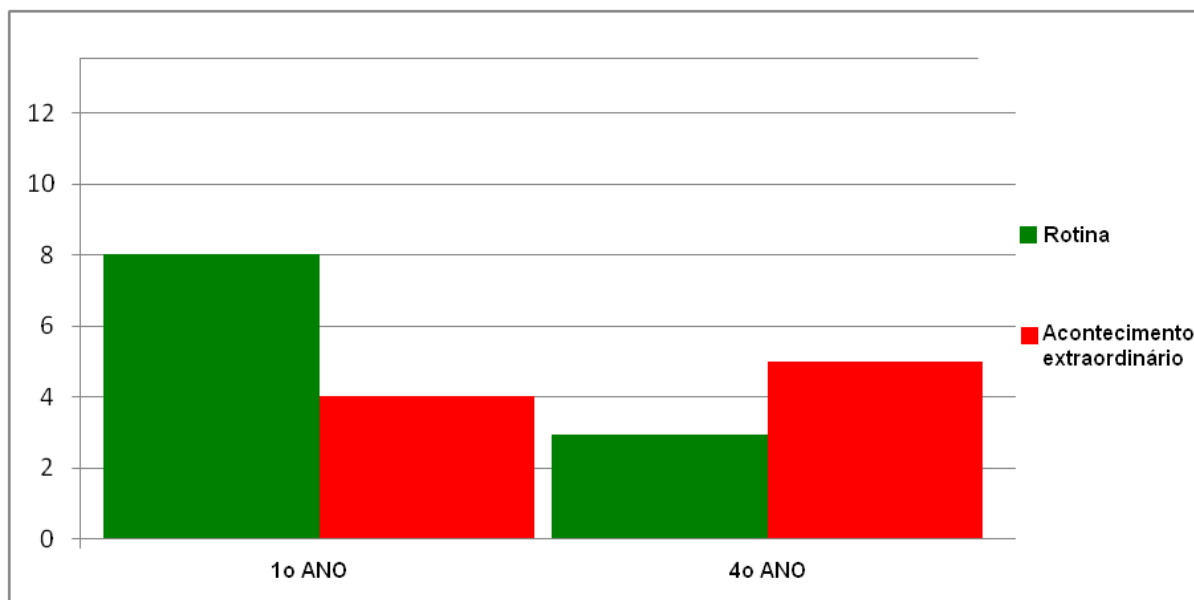
Outro diário que se diferencia da proposta deste primeiro ano é o de Peter Kurth, escritor muçulmano, que publicou suas anotações sobre o período passado na prisão, entre dezembro e janeiro de 2007, em Londres. Seu relato pode ser conferido na edição de agosto de 2007.

Indo na contramão do primeiro ano, a seção “diário” do quarto período da *Piauí* está muito mais focada nos momentos memoráveis vividos pelos anônimos do que no cotidiano. Dos oito números que apresentam a seção, apenas três possuem o relato sobre a rotina do dia-a-dia: a edição de janeiro de 2010, na qual um radio-operador conta como é viver em uma plataforma petrolífera metade do ano; a de março, sobre um vendedor ambulante de coco que trabalha em uma praia do Rio de Janeiro, e o relato de um jovem diretor que, por dois anos e meio, tentou finalizar seu filme, enfrentando uma série de problemas com burocracia, explicados no número de junho de 2010.

Do restante das edições, todos são focados em acontecimentos fora do comum, em eventos que já teriam encontrado um fim e que podem ter sido considerados extraordinários na vida das pessoas, como o relato que dá início ao quarto ano da publicação. Presente na edição de outubro de 2009, sob o título “Mojinho na cabeça da polonesa”, a polonesa Marysia Wróblewska, de 22 anos, conta como, depois de assistir ao filme *Cidade de Deus*, decidiu escrever sua dissertação de mestrado sobre a produção cinematográfica e fez a coleta de dados no Brasil, durante um mês.

Destacamos, dessa forma, uma mudança na temática dos relatos, quando confrontamos o primeiro com o quarto ano da publicação. Essa diferença pode ser constatada por meio do gráfico 1.

Gráfico 1: Mudanças na publicação dos relatos da revista



Observamos que a *Piauí*, então, passou a priorizar a apresentação de acontecimentos extraordinários, em seu quarto ano, em detrimento dos diários concentrados apenas no dia-a-dia e na rotina profissional. Essa modificação pode ser reflexo da tentativa da *Piauí* em se diversificar, com o intuito de aumentar o público da revista, explorando acontecimentos pouco usuais, ao invés de apresentar situações consideradas comuns. Assim, após essa apresentação sobre a estrutura dos diários, iniciaremos a reflexão sobre a forma como os relatos são apresentados, na seção a seguir.

A estrutura dos diários no primeiro e quarto ano

O diário pode ser considerado uma forma de narrativa. Ao estudar essa seção, sob o foco do jornalismo, o pesquisador Demétrio Soster (2011) observa que, nesse espaço, a revista cede suas páginas para uma narrativa

autorreferencial, “usualmente estruturada à maneira dramática, porque em tópicos antecidos por marcas espaço-temporais (datas e nomes de lugares, principalmente)” (SOSTER, 2011, p. 9).

Partindo do princípio de que a narrativa é autorreferencial, observamos que o narrador dessa seção é o autodiegético. Segundo Reis e Lopes (1988), esse tipo de narrador apresenta o ponto de vista do protagonista, quando ele divide sua experiência com o leitor. Os autores destacam a diferença entre esse recurso e o narrador homodiegético, tido por alguém que vive ou já esteve onde se passa a história, e o narrador heterodiegético, que nunca habitou o lugar.

Essa atitude narrativa (distinta da que caracteriza o *narrador homodiegético* e, mais radicalmente ainda, da que é própria do *narrador heterodiegético*) arrasta importantes consequências semânticas e pragmáticas, decorrentes do modo como o *narrador autodiegético* estrutura a *perspectiva narrativa*, organiza o *tempo*, manipula diversos tipos de *distância*, etc (REIS; LOPES, 1988, p. 118).

Conforme explica os estudiosos, esse tipo de autor textual⁴ é visto com frequência em biografias, aproveitando-se da sabedoria adquirida pelo narrador ao longo dos anos vividos. Ao ser o dono da própria história, ele tem total controle sobre todos os acontecimentos que serão contados.

Notamos que todos os diários são escritos no passado. Com isso, é possível observar que os diários centrados em algum acontecimento extraordinário e que já encontraram seu fim, fazem uso do tempo da narração ulterior. Esse recurso oferece condições de se fazer uma reflexão sobre os acontecimentos passados. Nesse sentido,

(...) sobrevém então uma distância temporal mais ou menos alargada entre o passado da história e o presente da narração; dessa distância temporal decorrem outras: ética, afetiva, moral, ideológica, etc., pois que o sujeito que no presente recorda já não é o mesmo (...) (REIS; LOPES, 1988, p. 129).

⁴ Empregamos o termo autor textual com base em Reis e Lopes (1988), quando é dito: “se o *autor* corresponde a uma entidade real e empírica, o *narrador* será entendido fundamentalmente como *autor textual*, entidade fictícia a quem, no cenário da ficção, cabe a tarefa de enunciar o *discurso*, como protagonista da *comunicação narrativa*”. (REIS; LOPES, 1988, p. 61). Sabendo que os autores usaram o termo autor textual para se referir ao narrador, também chamaremos a categoria da mesma forma.

Esse princípio pode ser observado de modo muito claro no relato do escritor Peter Kurth, sobre o período em que passou na prisão, entre dezembro e janeiro, em Londres, e lançado em agosto de 2007, integrando, portanto, o primeiro ano da *Piauí*. Antes de publicar o diário, a *Piauí* oferece um breve pano de fundo da história, sempre escrita por um jornalista, para oferecer um contexto ao leitor. No diário de Kurth, no entanto, ele mesmo assina o breve texto e aproveita para fazer uma reflexão sobre o acontecimento seis meses depois, além de explicar o motivo responsável por sua prisão na Inglaterra⁵:

Fui preso por uma combinação de forças incontroláveis. Primeiro, por minha natureza falastrona, que já me causou outros problemas na vida. (...). Outra coisa que nem me passou pela cabeça é que um dos remédios que tomo - o ritonavir - e que faz parte do coquetel anti-AIDS, pudesse potencializar de maneira incontrolável os efeitos do álcool no organismo. A combinação remédio, uísque e mais uma garrafa de vinho a 10 mil metros de altitude se mostrou incontrolável (KURTH, 2007, p. 16).

Notamos, dessa forma, que a declaração de Kurth possui traços do narrador autodiegético, ao refletir sobre sua postura e sua experiência. Ele reconhece que não deveria ter cometido uma série de atitudes, mostrando-se reflexivo sobre o acontecimento. O mesmo se dá, em menor escala, no relato de Daniel Santiago, pernambucano que vai para São Paulo em meados da década de 1960. O seu diário da época foi publicado nas páginas da revista, em seu quarto ano, e a introdução, escrita por um jornalista, ganha um comentário reflexivo de Santiago quando explica o motivo das anotações: "Eu tinha uma tendência de só anotar coisa ruim", conta. "Quando acontecia alguma coisa boa, eu deixava para depois, e esquecia. Eu pensava em detalhar tudo, futuramente" (SANTIAGO, 2010, p. 16). Assim, ele deixa clara a natureza pessimista que tinha na juventude, algo também constatado pelo leitor após a leitura do diário.

⁵ Kurth foi preso porque seu passaporte iria expirar em uma semana, enquanto a Inglaterra exige que o documento tenha validade de seis meses, no mínimo, para possibilitar sua estadia no país. Somado à isso, o escritor também teve problemas quando constatou o desaparecimento de seu laptop no avião e se desentendeu com os comissários de bordo.

Além desse comentário, Santiago inseriu algumas anotações atuais em seu diário, o que funciona como explicações feitas, talvez para si mesmo, depois de tantos anos:

6 de maio_Deixei de sentir o dente, mas devo ir ao dentista. [*Lamento não ter anotado qual era o dente e o que aconteceu com ele. Eu não dava importância aos dentes, hoje só me restam dez naturais.*] Entre estes dias aconteceu uma coisa interessante, mas eu não tive tempo de escrever no diário. Estava com uma preguiça muito saudável. Me matriculei na Escola Nacional de Desenho, na rua Barão de Itapetininga (SANTIAGO, 2010, p. 20).

Nesse caso, Santiago, depois de mais de trinta anos, revisita suas anotações e tece considerações. Desse modo, como alerta Reis e Lopes (1988), é necessária uma distância temporal para realizar esse tipo de reflexão, ao lado do distanciamento ético e afetivo, pois quem recorda os fatos não é mais o mesmo jovem que os viveu. No entanto, podemos considerar a possibilidade de o autor do relato simular esses comentários, tornando essa observação dos dentes, por exemplo, artificial, tentando alterar a realidade.

No diário de julho de 2010, também do quarto ano, esses comentários ganham um ar de maior dramaticidade e, em alguns momentos, ironia. Nele, o mineiro João Fernando Baldan conta os momentos em que teria sofrido uma espécie de surdez por seis meses, em 2008, e teria procurado por diversos tratamentos, inclusive, a ajuda do curandeiro João de Deus, conhecido por suas cirurgias espirituais que não utilizam dos métodos tradicionais da medicina. À medida que a possível doença avançava e a quantidade de remédios tomados aumentava ao longo da narrativa, o autor incluiu comentários sarcásticos no texto.

Durante todo o seu relato, o rapaz faz observações no estilo dicionário. Por exemplo, em certo momento, em sua viagem para consultar o curandeiro, o jovem teria começado a ver um enxame de moscas imaginárias e observou: “Isso havia começado antes da viagem, mas eu não dera muita importância até então. *Ver alucinação. Ver também esquizofrenia*” (BALDAN, 2010, p. 16). Vale destacar que as três edições citadas com comentários posteriores são

referentes às memórias de alguém. Desse modo, apenas os diários envolvendo lembranças oferecem condições de que o autor revise o texto algum tempo depois e faça comentários, enquanto no diário do dia-a-dia, os responsáveis estão incapazes de realizar esse tipo de reflexão posterior ao término dos acontecimentos.

Além disso, os diários possuem a narração intercalada ao tratarem de situações que ainda não chegaram ao fim, como é o caso dos relatos sobre o dia-a-dia. Esse tipo de recurso é compreendido por Reis e Lopes (1988) como a apresentação de eventos em pequenas doses, como ocorre no folhetim, aos pedaços. Ao discutir o assunto, os pesquisadores destacam esse tipo de narrativa como sendo a do diário, visto que

O narrador relata, em princípio quotidianamente, os acontecimentos e emoções de um dia da sua vida, intercalando assim a breve narração diária e a própria experiência do dia-a-dia: *Memorial de Aires*, de M. de Assis, corresponde justamente a esta situação narrativa (REIS; LOPES, 1988, p. 114-115).

Esse tipo de narração é conferido em todos os diários da *Piauí*, independente de se tratar de lembrança ou não. O motivo está relacionado ao próprio tempo das situações narradas: os relatos sobre situações extraordinárias, quando publicados, tratam de algum diário escrito ao longo do acontecimento, tornando possível que a reflexão com a sabedoria do passar do tempo só seja feita no texto introdutório, como faz Kurth, ou no meio das anotações, igual aos textos de Santiago e Baldan.

O princípio da narração intercalada aparece de forma clara em todos os depoimentos, em especial no de Maria Lopes, que vende trabalhos acadêmicos sob encomenda há mais de vinte anos, atividade comentada em seu diário, no primeiro ano da revista. A fragmentação pode ser conferida na maneira como os textos são apresentados, a partir do momento em que são destinados um ou dois parágrafos a cada dia vivido, informado pela data do mês e o dia da semana.

Sobre isso, o pesquisador Maurice Blanchot (2005), ao pensar sobre as narrativas do diário, destaca que, por mais livre que seja essa forma de construção literária, ela está presa ao calendário e deve respeitá-lo. O autor define tal condição como: "O calendário é seu demônio, o inspirador, o compositor, o provocador e o vigilante" (BLANCHOT, 2005, p. 270). Por isso, é exatamente o calendário o responsável em coordenar a leitura de cada acontecimento, servindo para orientar o público sobre o tempo de duração de cada evento.

É ele também o que contribui para a sensação de narrativa fragmentada. Ao lado dele, está o modo como se guia a corrente de pensamento do personagem central. Como as histórias são contadas em partes, em função de ser divididas pelos dias, o próprio raciocínio do protagonista torna possível essa fragmentação. Isso porque, ao invés de juntar todos os acontecimentos relacionados em uma só parte, eles estão espalhados ao longo do texto. A situação ocorre de modo claro no diário de Lopes, quando ela começa a relatar seu trabalho da revisão de uma monografia sobre pele de castor:

Quinta-Feira, 8 Hoje a previsão é de outra noite sem dormir, para entregar o trabalho de marketing do dia 10. Assim que terminar, começarei a revisão da monografia, cujo tema se mostra tão ruim quanto o conteúdo: "Pele de castor e o luxo chegando à classe média". E - Santa Mãe! -, é de uma faculdade de alto conceito. Onde é que anda o orientador?

(...)

Sexta-Feira, 9 Continuo firme no trabalho de revisão com prazo para amanhã. Mas não resisti e dei uma olhadinha no trabalho das peles de castor. É de passar mal. (...) (LOPES, 2007, p. 15).

Dessa forma, ao invés de juntar tudo sobre o trabalho da monografia em uma só parte, por se tratar de um diário, Lopes espalha todos esses pensamentos sobre o mesmo assunto ao longo dos dias, até sua finalização. Esse tipo de questão é verificado em todos os outros diários, sendo relato extraordinário ou não, visto que a estrutura dos dois tipos de texto é a mesma. A principal diferença está no modo como cada diário termina. No diário de Carlos Sussekind de Mendonça, publicado no primeiro grupo, em 2006, por

exemplo, o leitor sabe como a história chega ao fim, visto que é feita uma compilação de seu diário escrito em 1950. Depois de quase 56 anos, quando o diário é publicado, a nota introdutória avisa que o nome do homem foi dado à casa de cultura na praia do Abrahão, na década de 1990, indicando que ele teve certa importância política e que já faleceu.

O mesmo não ocorre com os diários que relatam o dia-a-dia das pessoas. Por se tratar de acontecimentos contemporâneos, os leitores não possuem qualquer meio de saber como a história termina, pois nem mesmo aqueles que protagonizam desfrutam de tal conhecimento. Isso aparece de modo claro no diário do funcionário de supermercado Francisco Jaime Alves Barbosa. Em seu final, quando toma conhecimento do nascimento do irmão, ele reflete sobre a possibilidade de adiar o sonho de fazer cursinho e prestar vestibular para medicina: "O meu sonho mudou hoje, e vai ficar para mais tarde. Mas eu vou realizar, nem que demore 50 anos eu vou ser ortopedista. Começo a arrumar a casa para parar de pensar no futuro" (BARBOSA, 2007, p. 18).

Assim, Barbosa não possui qualquer possibilidade de fazer como Mendonça, ou até mesmo Kurth, Santiago e Baldan, e informar ao leitor sobre como termina ao menos essa fase da sua vida, se ele teve mesmo que desistir de fazer o cursinho ou se conseguiu passar em alguma faculdade. Essa condição é contrastada, por exemplo, com o diário do escritor Luís Carlos Silva Eiras, do primeiro ano da *Piauí*, que se constitui em fragmentos escritos entre 1976 e 1981. De forma semelhante como ocorre com Barbosa, seu final também é súbito, deixando o leitor curioso, mas, por se tratar de acontecimentos com mais de vinte anos, é possível saber o que ocorreu na vida do homem no texto introdutório, escrito por um jornalista.

Mesmo assim, pela ausência de uma conclusão satisfatória, não se pode considerar a narrativa dos diários do dia-a-dia, presente em sua maioria no primeiro ano da publicação, como inacabada. Conforme argumenta Soster (2011), tais narrativas são integrais, explicadas por ele, por meio do teórico Luiz Carlos Motta, como "(...) histórias mais ou menos completas, com

princípio, meio e fim. Podem ser isoladamente analisadas como narrativas fechadas porque possuem uma unidade integral” (MOTTA, 2005 *apud* SOSTER, 2011, p. 08). Por isso, entendemos que esses diários possuem início, meio e fim, como todas as outras formas narrativas, ainda que não se informe o destino de cada personagem e passe a sensação de ter tido um final aberto, sem resolução dos conflitos centrais expostos durante a narrativa.

Independente de se tratar de uma lembrança ou de um relato do dia-a-dia, os diários publicados serve como forma de preservar a memória de cada autor textual, como bem destaca Blanchot (2005) em suas reflexões. O autor argumenta que o interesse do diário é proveniente da própria insignificância, do simples ato de escrever os acontecimentos banais de um dia, capazes de registrar esses eventos e tornar possível sua lembrança muito tempo depois. Ao mesmo tempo, o autor destaca: “Cada dia nos diz alguma coisa. Cada dia anotado é um dia preservado. Dupla e vantajosa operação” (BLANCHOT, 2005, p. 273). É essa a busca de preservação da lembrança de um dia vivido que parece procurar a *Piauí*, no momento de oferecer seu espaço para essas narrativas.

Considerações finais

Ao término desta pesquisa, notamos que o primeiro ano da *Piauí* se concentra na rotina profissional dos protagonistas da história, visto que, dos doze números, oito se encaixam nessa categoria, enquanto quatro são centrados em relatos de acontecimentos marcantes na vida de cada depoente, em situações extraordinárias que já chegaram ao fim. O mesmo não acontece no quarto ano da publicação, no qual cinco edições estão concentradas em apresentar diários que relatam acontecimentos extraordinários, enquanto três contam a rotina profissional de cada depoente.

Podemos inferir que essa maior variedade de textos, no quarto ano, tem o propósito de explorar as possibilidades diversificadas que a literatura oferece, além de buscar aumentar o público da revista, oferecendo textos com estrutura

pouco comum, se comparada com o primeiro ano. A mesma necessidade em explorar a novidade pode ser a justificativa para o aumento de relatos de experiências extraordinárias na seção “diário”. Para não apresentar apenas histórias de profissionais, como é o caso do balconista ou do médico residente, no primeiro ano, a revista explorou situações mais inusitadas, como, por exemplo, o rapaz que passa a perder a audição.

Quando analisamos a estrutura desses relatos, notamos que os dois tipos de depoimentos possuem estrutura semelhante. Nos dois casos, o narrador é autodiegético, visto que esse tipo de autor textual aparece com frequência em biografias, aproveitando-se da sabedoria adquirida pelo narrador ao longo dos anos vividos.

Observa-se que nos dois grupos investigados, independente de ser rotina de trabalho ou relato de algum evento extraordinário, o diário é escrito no passado. No entanto, quando se trata da apresentação de um acontecimento memorável, a revista oferece a oportunidade que o próprio autor comente, algum tempo depois, o evento, agora mais amadurecido. Essa é uma forma de explorar o tempo da narração ulterior, recurso que oferece condições de se fazer uma reflexão sobre os acontecimentos passados.

Tal particularidade não está presente nos diários centrados em rotinas profissionais, tão comum no primeiro ano da *Piauí*. Ao lado disso, outra diferença está no modo como cada texto é finalizado. Quando se trata de um diário sobre um evento que já terminou, a revista informa o que aconteceu com o autor textual, nos meses ou anos seguintes, em uma nota logo no começo do diário. O mesmo não ocorre com os diários que relatam o dia-a-dia das pessoas.

Ao lado dessas questões, é preciso destacar, ainda, a proposta da própria *Piauí* em buscar preservar a memória de cada um dos responsáveis pelos diários. Independente de ser relato profissional ou um acontecimento extraordinário, a memória de quem escreve está preservada nas páginas da publicação.

Referências

BARBOSA, Francisco Jaime. *Onze da noite é a hora dos solitários*. Piauí, edição 12, São Paulo: Alvarenga, set. 2007. p. 16-18.

BARROS, Jário de. Ganhei a primeira cruz no meu bisturi. Piauí, edição 02, São Paulo: Alvarenga, nov. 2006. p. 32-33.

BALDAN, João Fernando. *Do zumbido à redenção*. Piauí, edição 46, São Paulo: Alvarenga, mai. 2010. p. 14-17.

BENJAMIN, Walter. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____ *Magia e Técnica, Arte e Política*. Obras Escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BLANCHOT, Maurice. O Diário íntimo e a narrativa. In: _____. *O livro por vir*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BRAUN, Charly. Se não melhorar, talvez eu vá dirigir um táxi. Piauí, edição 45, São Paulo: Alvarenga, jun. 2010. p. 16-19.

DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA 2.0. Versão digital. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2007.

EIRAS, Luís Carlos Silva. Assim caminha a universidade. *Piauí*, edição 46, São Paulo: Alvarenga, mai. 2007. p. 16-17.

FAYAD, Emir. Cliente folgado leva coco ruim. *Piauí*, edição 42, São Paulo: Alvarenga, mar. 2010. p. 14-17.

GIANNETTI, Cecília. Hoje o bicho pega na boate. *Piauí*, edição 01, São Paulo: Alvarenga, out. 2006. p. 27-29.

JIMENEZ, Guto. Vida dentro da casca de ovo. *Piauí*, edição 40, São Paulo: Alvarenga, jan. 2010. p. 27-29.

LOPES, Maria. Um trabalho de pontos, vírgulas e interrogações. *Piauí*, edição 07, São Paulo: Alvarenga, abr. 2007. p. 14-17.

KURTH, Peter. À disposição de sua majestade. *Piauí*, edição 11, São Paulo: Alvarenga, ago. 2007. p. 16-19.

MENDONÇA, Carlos Sussekind de. Memórias da ilha grande no tempo do cárcere. *Piauí*, edição 03, São Paulo: Alvarenga, dez. 2006. p. 32-33.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de Termos Literários*. São Paulo: Cultrix, 2004.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de Teoria da Narrativa*. São Paulo: Editora Ática, 1988.

SANTIAGO, Daniel. Parece que falta oxigênio no ar. *Piauí*, edição 41, São Paulo: Alvarenga, mai. 2010. p. 16-19.

SILVA, Nilton da. 53 anos de sobe-e-desce. *Piauí*, edição 05, São Paulo: Alvarenga, fev. 2007. p. 16-17.

SOSTER, Demétrio. A midiática das narrativas jornalísticas na seção Diário da Revista Piauí. In: SBPJor - 9º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2011, Rio de Janeiro. *Anais do 9º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo*. Rio de Janeiro: SBPJor, 2011. p. 1-18.

WRÓBLEWSKA, Marysia. Miojinho na cabeça polonesa. *Piauí*, edição 37, São Paulo: Alvarenga, out. 2009. p. 18-21.

ZILBERMAN, Regina. *Memória entre oralidade e escrita*. Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 41, n. 3, setembro, 2006. Disponível em:
<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/621/452>
Acesso em 20 jun. 2010.